

Conversa com Angela Detanico,

por email, como introdução à escrita do artigo *Os fusos da frase*, publicado no catálogo da exposição de Angela Detanico e Rafael Lain no Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, de 30 de março a 25 de maio de 2008.

On Apr 3, 2008, at 18:23, Renata Marquez wrote:

Quando encontrei o Marconi Drummond em Barcelona há alguns meses, conversamos sobre o MAP, ele me disse que seria de vocês a próxima exposição e me convidou para escrever o texto para o catálogo, imaginei um texto que fizesse uma aproximação entre imagem e geografia, passando pela tipografia/cartografia e pela percepção da paisagem. Embora o trabalho tenha claras questões tecnológicas, gostaria de precisar essa relação entre as obras e a "ciência do espaço". Estive, no ano passado, na Bienal de Veneza, onde vi o trabalho de vocês e, apesar de não poder estar na exposição do MAP, tenho particular afinidade com os trabalhos e fascínio pela existência matérica das letras. Será que poderiam comentar as questões abaixo?

On Apr 21, 2008, at 11:48, Angela Detanico wrote:

As questões que você levanta, do seu ponto de vista transdisciplinar, partem da arte para o mundo (do mundo para a arte?), tanto no sentido local, geográfico, quando no sentido plural, expandido, de universo de fatos, sistemas, conceitos, que constituem nossa apreensão e construção do real... é este o movimento que procuramos realizar em nossos trabalhos, então estamos curiosos para descobrir sua leitura!

Como as questões não integram uma entrevista, vamos respondê-las de uma forma mais livre, como em uma conversa informal, lançando algumas idéias, algumas pistas. Não me preocupei em estruturar as respostas, mas em lançar idéias que vão respondendo, aqui e ali, às suas questões.

Renata Marquez: De posse da geografia como disciplina urgente e complexa, vocês a utilizam como dispositivo cultural, criando situações e empregos lógicos em vez de deslocamentos ou substituições. Podemos falar de um uso situacionista da geografia em *Zulu Time* e *World Justified*?

Angela Detanico: O que nos interessa na geografia é a sua construção como sistema cultural, como disciplina do saber que se manifesta como um sistema de representação... De um lado, o factual, o real e sua apreensão sensível, o desenho dos continentes, a topologia de um terreno. De outro, a forma como elaboramos culturalmente o real apreendido: a construção de conceitos, de sistemas, de nomenclaturas, classificações... Esta tensão entre o objeto e a sua sistematização cultural estrutura-se por uma lógica subjacente, uma lógica construída dentro de um sistema convencional.

Em *Zulu time* e em *Mundo justificado*, o deslocamento de um sistema de grafia para outro, da cartografia para a tipografia, não só reconfigura o objeto, mas deixa ver o sistema lógico/cultural que o estrutura, e através do qual o olhamos: nessa reordenação, há uma re-significação que questiona a significação mesma: como vemos o mundo? Quais os conceitos que utilizamos para nele operar? Em que medida os conceitos utilizados para operar a realidade são efeitos ou causas dessa realidade?

O situacionismo é uma das grandes referências artísticas da nossa geração, com a diferença que em *Zulu time* e no *Mundo justificado*, estamos nos apropriando de um espaço não mais local, mas global. Deriva com *jet lag*. Pensamos também em Alighiero Boetti e *Art and Language*: ambos

trabalham com cartografia e com linguagem. E, seguindo na direção do texto (e da sua próxima pergunta), na poesia concreta. A letra nos interessa como uma forma especial, uma forma que carrega um significado em potência, um objeto que existe em dois níveis, visualmente e como peça do sistema de conceitos da língua, e tudo o que ele carrega... Nos nossos alfabetos e sistemas de escritura, buscamos explorar ao máximo este cruzamento, esta natureza dupla da letra como coisa e como língua. Em *Pilha*, por exemplo, as coisas das quais a língua fala se organizam para falar, e, como em um delírio semiótico, passam de objetos a sujeitos: o mundo do qual falamos se transforma em língua para falar de si mesmo, como a pilha de livros que se lê "coisas para contar".

Em *Maré*, a "letra" por empilhamento de transparência e altura trabalha com as acumulações e variações em escala, como a partitura (um tipo de grafia) do movimento deste objeto especial, fluido, essencial, que escapa entre os dedos, que é a água: um outro um depois do outro em meio à sucessão de instantes acumulados. *Um dado tempo, um dado lugar*, são a escritura desse mundo de movimento, de velocidade, onde tudo se redefine a toda hora. É um sistema que convoca a pensar em relação.

Renata Marquez: Enxergo o trabalho de vocês também como poema no campo expandido. A irradiação da palavra e da frase se dá em dois sentidos: um que é próprio do poema, território impreciso das interpretações; outro que é arquitetônico, para não dizer geográfico, as letras se espacializando na paisagem (como em *Maré* e *Um dado tempo*). Vocês assemelham o seu trabalho ao poema visual? Podemos falar de alguma tradição atualizada da poesia concreta? Nesse processo de disseminação, há outros mundos/espacos que lhes interessam, para além do museu?

Angela Detanico: Boa parte da nossa produção acontece em livros e posters, inserções em revistas e publicações. mesmo outdoors. A mídia impressa nos oferece outro modo de circulação para os trabalhos, outra temporalidade na relação com o público, que pode levar para casa um poster distribuído como parte da exposição, ou encontrar uma tipografia em uso, como quando diagramamos, em um catálogo, um texto crítico com helvetica concentrated (feita em colaboração com Jiri Skala).

Renata Marquez: No processo de ocupação do espaço e curadoria das obras, como foi lidar com uma arquitetura tão particular e ao mesmo tempo tão familiar (uma vez que Niemeyer já foi protagonista da obra *Utopia*)?

Angela Detanico: O Museu da Pampulha, com sua arquitetura e história especiais, nos interessou particularmente para a construção da exposição. *Maré* é uma resposta instalativa a esta arquitetura, colando-se à fachada de vidro do museu que se abre para a lagoa da Pampulha, utilizando sua transparência, seguindo seu movimento em curva e a cadência de suas esquadrias. Por meio da criação de um sistema de escritura, e do texto escrito, trabalhamos com a configuração do prédio e sua situação espacial, face à lagoa. Esta mesma fachada que joga para fora do museu, o coloca como um ponto no mundo, como parte de um todo onde se encontram Upland, Mata-utu, Dubai, Andorra... Para onde apontam as placas de sinalização, lugares modulados por diferentes tempos, em diferentes fusos-horários.

Braille ligado também dialoga com a arquitetura do museu, enunciando espaço em branco no vão criado pela rampa que dá acesso ao mezanino, apontando a construção de um espaço pelo inverso, pelo avesso, do outro, e criando um sistema de iluminação em uma parte escura deste prédio essencialmente transparente e reflexivo.

Finalmente, espero que você consiga perceber pelas fotos o efeito da parede de espelhos em motivo de desorientação: o padrão da rosa dos ventos, multiplicado, reduplica-se no espelho, somando à confusão espacial criada pela repetição do motivo a inversão característica dos

espelhos. A ordem permanece, mas a percepção é completamente confundida...

Renata Marquez: Pensando no design gráfico como método de espacialização artística, como se dá a inclusão de "peças gráficas" nas suas exposições? Já propuseram posters em que situações? Qual a relação entre a reprodutibilidade técnica da imagem e a instalação na galeria? Esse tipo de "participação" lhes interessa? O suporte gráfico "público" (site, poster, livro...) é uma questão?

Angela Detanico: A produção de peças gráficas é uma parte importante do nosso trabalho, onde operamos sínteses, relações, ligações entre os projetos. além, claro, de permitir sua reprodução e circulação com a simplicidade e a mobilidade do papel, do site que é acessado. Pensamos as peças gráficas que acompanham as exposições como libretos, como um resumo ou visão geral dos trabalhos e da forma como construímos as relações entre eles. são também um espaço de contextualização, onde publicamos as tipografias na íntegra, pequenos textos, projetos, referências... As peças gráficas nos possibilitam uma divulgação do trabalho que extrapola a exposição. Por exemplo, quando apresentamos *Utopia* no Pavilhão Brasileiro na Bienal de Arquitetura de Veneza de 2004 com um poster distribuído gratuitamente, não só evidenciamos a natureza gráfica da tipografia, mas também pudemos divulgar o endereço para o download gratuito do arquivo da fonte, o que multiplica as possibilidades de uso: uma tipografia existe para que se escreva com ela.